

Editorial

Esse número de *Cognitio* 17(2) é um dos mais especiais que publicamos. Não apenas porque ele é o primeiro apenas online, uma vez que, infelizmente, cessamos de também o imprimir, como vínhamos fazendo por longos dezesseis anos de vida da revista. Além disso, a partir da próxima edição, ela contará com o número DOI, útil para a localização de qualquer artigo publicado via Internet, exigência necessária em face de seu perfil marcadamente internacional.

Mas a razão principal pela qual denominamos esse volume especial se deve à alta qualidade de seus artigos. Inicia-se pelo original tema do ensaio de Douglas Anderson. Um dos principais scholars na obra de Peirce. Anderson propõe estendemos o conceito de comunidade de pesquisadores para o de comunidade de *primeiridade*, a categoria fenomenológica peirciana onde cabem as qualidades de sentimentos, enquanto a categoria afeita à investigação, denominada *terceiridade*, é o *locus* das formas lógicas que lastreiam a possibilidade de uma comunidade se constituir como comunidade comunicativa, passível de, por assim ser dotada do universo simbólico da linguagem, estabelecer um acordo universal de opiniões. O que, então, sustentaria uma comunidade de qualidades de sentimento? Reflitam, convidamos, junto com o autor sobre essa fascinante questão.

Rogério da Costa traz para o leitor um raro e precioso tema também: os nexos entre o pensamento de Espinosa e Peirce, que o autor promove por via do conceito de *hábito*, presente em ambos filósofos, e que tem sido um tema recorrente nas discussões contemporâneas. Sem dúvida uma linha original e importante de investigação é aberta com esse ensaio, convidativa para os apreciadores de ambos aqueles filósofos, tão raramente postos em relação.

Thomas Dabay traz um tema interessante para os estudiosos de lógica e epistemologia. Propõe refletir sobre o paradoxo de Fitch como um modo de leitura do pragmatismo de extração peirciana, abordando a teoria epistêmica de verdade de Peirce, seu falibilismo anticético, seu antifundacionalismo e sua dependência na esperança epistêmica.

David A. Dilworth uma vez mais brinda *Cognitio* com sua erudição em história da filosofia moderna, oferecendo mais um estudo das relações entre Schelling e Peirce, agora explorando o chão teórico comum que ambos desfrutaram por meio do *espírito* trazido pela *Philosophie der Natur* do filósofo alemão que se consolida na *letra* de Peirce.

Uma linha de pesquisa nascente, considerando-se a ainda parca literatura por ela gerada, a saber, as relações entre Semiótica e Psicanálise, significativamente aberta a futuras investigações, é reavivada pelo artigo de Paulo Duarte Guimarães Filho. O autor faz um inventário da aplicação dos conceitos semióticos de Peirce na psicanálise, destacando o trabalho de Lacan, mas propondo refletir, em detrimento do predomínio da importância da linguagem verbal, sobre a importância dos signos icônicos e indiciais no entendimento da linguagem dos bebês.

Risto Hilpinen em seu ensaio reflete sobre o que Peirce caracterizou como “conhecimento perfeito”, que seria uma opinião “definitivamente formada”, tal que não poderia ser prejudicada por investigações futuras. Interessante para os estudiosos

de lógica, em especial da lógica peirciana, Hilpinen propõe que as proposições oriundas de tal tipo de conhecimento não são vulneráveis a contraexemplos do tipo Gettier.

Nathan Houser frequenta uma vez mais as páginas de **Cognitio** para contribuir com uma preciosa abordagem histórica da inserção da Semiótica como disciplina filosófica. Com profundo conhecimento do tema, o ensaio de Houser se insere, certamente, com vocação para se tornar estudo e consulta obrigatórios para os que se interessam pelo tema.

Com a questão, já presente no título do artigo: *É possível estarmos conscientes da atividade originária da consciência?*, Rômulo Martins Pereira busca sua resposta por meio de uma análise da dedução transcendental de Kant a partir de Kemp Smith. Dentro da linha editorial de **Cognitio** que publica contribuições sobre o pragmatismo e todas as disciplinas de filosofia que lhe são histórica e conceitualmente correlatas, como o são as que a obra de Kant propõe, o artigo em pauta se insere como dos mais interessantes.

John Stuhr, inicia seu ensaio com o intrigante título *A permanência da mudança: Empédocles, Dewey e dois tipos de metafísicas pluralistas de força*. Os aficionados leitores de filosofia não deixarão de se sentirem seduzidos por ele. Empédocles e Dewey são confrontados nesse artigo e sob o desenvolvimento do pluralismo metafísico de ser para se tornar, Stuhr encontra um modo de considerar Empédocles não como simplesmente pré-socrático, mas também pré-pragmático.

Vincent Colapietro, também autor sempre bem-vindo a **Cognitio**, colabora com um texto instigante sobre música e as práticas humanas, propondo questões para reflexão sobre filosofia da arte.

Esperamos que esse vasto leque de temas seja devida e pacientemente aproveitado pelos leitores de **Cognitio**.

Ivo A. Ibri
Editor